ENSAIO TEÓRICO

AMPLIANDO O CAMPO DA SEMÂNTICA: DA LÍNGUA AOS **CONFLITOS SOCIAIS**

Alfredo M. LESCANO
Education, Formation, Travail, Savoirs – Université Toulouse-Jean Jaurès/École Nationale Supérieure de Formation de l'Enseignement Agricole (UT2J/ENSFEA)
Toulouse, França

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar, pela primeira vez em português, as ideias centrais da teoria desenvolvida no livro *Prolégomènes à une sémantique des conflits sociaux*¸ publicado em 2023. O intuito do livro é propor um arcabouço teórico que permita compreender e analisar a dimensão semântica dos conflitos sociais. O projeto, de natureza multidisciplinar, convoca conceitos da análise do discurso, da filosofia política, da sociologia, entre outras disciplinas. O aparato teórico, porém, dá corpo a um projeto essencialmente semântico (ainda que, para isso, ele mesmo exija ampliar os limites do que habitualmente é considerado "semântico").

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar, por primera vez en portugués, las ideas centrales de la teoría desarrollada en el libro *Prolégomènes à une sémantique des conflits sociaux*, publicado en 2023. El objetivo del libro es proponer un marco teórico que permita comprender y analizar la dimensión semántica de los conflictos sociales. Este proyecto, de naturaleza multidisciplinaria, convoca conceptos del análisis del discurso, de la filosofía política, de la sociología, entre otras disciplinas. El aparato teórico, sin embargo, da cuerpo a un proyecto esencialmente semántico (aunque, para eso, este exija ampliar los límites de lo que se considera habitualmente como "semántico").

PALAVRAS-CHAVE

Discurso; Semântica; Conflitos Sociais.

PALABRAS CLAVE

Discurso; Semántica; Conflictos Sociales.

OPEN ACESS

Todo conteúdo de *Cadernos de Linguística* está sob Licença Creative Commons CC - BY 4.0.

EDITORES
– Tiago Aguiar (UFPB)
– Dermeval da Hora (UFPB)
– Jan Leite (UFPB)
– Álvaro da Silva (UFPB)
– Erivaldo do Nascimento (UFPB)

AVALIADORES
– Ana Cabral (PUC-SP)
– Lauro Gomes (FURG)

Recebido: 28/02/2025
Aceito: 12/07/2025
Publicado: 02/10/2025

COMO CITAR
LESCANO, A.M. (2025). Ampliando o campo da Semântica: da língua aos conflitos sociais. *Cadernos de Linguística*, v. 6, n. 5, e824.

VERIFICAR ATUALIZAÇÕES

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar, pela primeira vez em português, as ideias centrais da teoria desenvolvida no livro *Prolégomènes à une sémantique des conflits sociaux*¸ publicado em 2023. O intuito do livro é propor um arcabouço teórico que permita compreender e analisar a dimensão semântica dos conflitos sociais[1]. O projeto, de natureza multidisciplinar, convoca conceitos da análise do discurso, da filosofia política, da sociologia, entre outras disciplinas. O aparato teórico, porém, dá corpo a um projeto essencialmente semântico (ainda que, para isso, ele mesmo exija ampliar os limites do que habitualmente é considerado "semântico").

A seguir, após evocar as origens da pesquisa, a metodologia de construção do *corpus* e os principais elementos do conflito do qual vamos tratar neste artigo – o conflito acerca do retorno de lobos ao território francês –, apresentaremos uma leitura crítica dos antecedentes teóricos que dão base à construção conceitual que defendemos. Apresentaremos, enfim, os conceitos centrais da teoria e dois exemplos de processos dinâmicos que incidem sobre a dimensão semântica dos conflitos sociais.

1. ORIGENS

Este projeto surgiu como uma necessidade teórica decorrente de problemas descritivos. Durante muitos anos, nossas atividades de pesquisa foram desenvolvidas dentro do quadro do que se conhece como "semântica argumentativa". Essa etiqueta tem sido utilizada há algum tempo em referência aos conceitos desenvolvidos por Anscombre e Ducrot (1983) entre as décadas de 1970 e 1990, bem como às várias teorias que até hoje neles têm se baseado[2]. É impossível resumir aqui tantos anos de reflexão linguística, mas acreditamos que não trairemos o espírito desse paradigma teórico se dissermos que uma das ideias centrais mais persistentes nesses trabalhos é que, segundo seus autores, o sentido é sempre composto de esquemas de produção de discursos. Isso opõe a semântica argumentativa às abordagens que consideram o sentido como possuidor de um núcleo

1 Durante os sete anos de trabalho dedicados a este livro, pude contar com diversas colaborações enriquecedoras, entre as quais se destacam os intercâmbios com os participantes do seminário de pesquisa na EHESS, em Paris, as contribuições de Zoé Camus, com quem criei um programa de pesquisa (o Programa dos Programas), e o trabalho com o Coletivo Programma, grupo de pesquisa que fundamos juntos e no qual têm participado pesquisadores do Brasil, da Colômbia, do Chile, da Dinamarca, da Espanha, da França, entre outros.

2 Ver, principalmente, Anscombre e Ducrot (1983). Para ter um panorama da riqueza e da vitalidade desse paradigma, se poderá consultar a obra coletiva L. Behe, M. Carel, C. Denuc, J. C. Machado (2021) e o site internacional "Sémantique argumentative" (https://semanticar.hypotheses.org).

descritivo, passível de ser avaliado em termos de verdade/falsidade. De acordo com a semântica argumentativa, produzir sentido é habilitar certos discursos e inabilitar outros. Essa é a tese estritamente semântica que funda o seu arcabouço conceitual, que também é uma tese linguística. De acordo com essa tese, a dimensão semântica da língua é inteiramente feita de possibilidades de discursos. A significação léxica dos nomes, verbos, adjetivos, por exemplo, contém apenas esquemas que possibilitam a produção de certos discursos e restringem a produção de outros. Com efeito, a semântica argumentativa é uma semântica linguística: o seu objeto é a descrição da dimensão semântica do sistema linguístico.

No entanto, como pano de fundo de nossas pesquisas, sempre esteve presente a ideia segundo a qual os princípios da semântica argumentativa permitiam descrever não apenas as significações encapsuladas nas palavras de uma língua e os sentidos construídos pelos enunciados, mas também aquilo que é habitualmente chamado de "conceitos compartilhados", "representações sociais", "ideologias"... Tivemos, afortunadamente, a oportunidade de colocar à prova essa ideia em colaborações com pesquisadores das ciências sociais, que buscavam identificar "representações sociais" em entrevistas[3]. Embora essas experiências tenham sido extremamente interessantes, deparamos com um problema: as ferramentas teóricas que utilizávamos não se ajustavam à tarefa que lhe atribuíamos. Concebida para a descrição da língua, a semântica argumentativa não possuía conceitos para diferenciar casos nos quais certos elementos semânticos são compartilhados por membros de um grupo daqueles nos quais tais membros se opõem em relação a um mesmo elemento semântico, ou ainda daqueles em que os esquemas de sentido são mutuamente refratários em uma determinada situação. Utilizando somente os conceitos de uma semântica da língua, não era possível tampouco salientar os esquemas de sentido com maior produtividade discursiva em uma determinada situação, nem, *a fortiori*, as evoluções desse parâmetro no curso dessa mesma situação. Essa limitação era de se esperar: uma teoria linguística não precisa de conceitos para esses fenômenos, uma vez que não são relativos à dimensão semântica da estrutura linguística. Nesses trabalhos em colaboração com pesquisadores das ciências sociais, cada problema descritivo exigia a criação de um novo conceito *ad hoc*, tornando evidente a necessidade de um arcabouço teórico para abordar a dimensão semântica dos espaços sociais. Em vez de tentar estudar a totalidade do social, no entanto, procuramos isolar alguns de seus aspectos, concentrando-nos em um tipo de situação no qual os grupos sociais colocam em movimento esquemas semânticos: é por isso que decidimos nos voltar aos conflitos sociais.

3 BROSSAIS, E., PANISSAL, N. VIEU, C., SIMONNEAUX, J., SIMONNEAUX, L., LESCANO, A. HUEZ, J. JOURDAN, I. (2009). Stratégies didactiques pour la "promotion" des métiers et filières scientifiques en relation avec les pôles de compétitivité de Midi-Pyrénées : cas des Nanotechnologies. Rapport de synthèse Région Midi-Pyrénées. (205p).

2. CONSTRUÇÃO DO CORPUS

Para iniciar a elaboração teórica, estabelecemos uma metodologia de construção do *corpus*. Poderíamos ter comparado um conjunto de conflitos para extrair categorias comuns a partir dos elementos mais importantes de cada um deles. Em vez disso, preferimos estudar um só conflito de maneira integral. Examinamos um conflito intenso, complexo e de grande relevância pública de modo *total* durante um ano: nos debruçamos, ao longo de 2014, sobre o conflito acerca do retorno de lobos ao território francês.

Essa metodologia é inspirada no livro *1889: Un état du discours social*, de Marc Angenot (1989). O ponto de partida de Angenot (1989) é sua categoria de *discurso social*, que engloba "tudo o que se diz e que se escreve em um estado da sociedade; tudo o que se imprime, tudo o que se fala publicamente ou se representa hoje nos meios eletrônicos"[4]. A categoria de discurso social, como se pode ver, é uma categoria totalizante: não deixa nada de fora. Não se trata de um critério de seleção, mas da afirmação de uma totalidade complexa. Para se construir um *corpus* compatível com essa categoria, é preciso, naturalmente, dispor de uma metodologia *não seletiva*, o que tem duas consequências – uma qualitativa e outra quantitativa. Como consequência qualitativa, obtemos um *corpus* de grande heterogeneidade. Mas, longe de ser controlada pela pesquisa, essa heterogeneidade é determinada pelo campo social estudado: o *corpus* de Angenot (1989) inclui jornais, novelas, peças de teatro, publicidades, obras musicais, poemas, entre outros. Como consequência quantitativa, a pesquisa exige a confrontação com a *totalidade* do que foi produzido nos limites temporais fixados. Em seu minucioso estudo, Angenot (1989) estabelece inicialmente, por meio de catálogos, a lista de todas as publicações de seu ano de referência para, em seguida, fazer uma seleção seguindo critérios de representatividade. Esses critérios o levam, por exemplo, a escolher 487 títulos de imprensa entre os cerca de 5.500 publicados durante 1889, concentrando-se em jornais políticos, imprensa ilustrada, imprensa satírica.... Assim, a metodologia utilizada por Angenot (1989) para construir seu *corpus* é *qualitativamente* totalizante (tenta abranger todos os gêneros possíveis), mas *quantitativamente* parcial (não analisa *todas* as publicações de cada gênero). No nosso caso, em contraste, o que procuramos aplicar foi uma metodologia nem qualitativamente, nem quantitativamente seletiva. Nosso *corpus* engloba, assim, todos os textos publicados na internet durante o ano de 2014 que se relacionam com o conflito do retorno de lobos ao território francês. Integram esse conjunto, cerca de 500 artigos da imprensa, textos publicados

4 « Le discours social : tout ce qui se dit et s'écrit dans un état de société ; tout ce qui s'imprime, tout ce qui se parle publiquement ou se représente aujourd'hui dans les média électroniques ». Angenot, 1989, en ligne : https://www.medias19.org/publications/1889-un-etat-du-discours-social/chapitre-1-le-discours-social-problematique-densemble. A tradução é nossa.

em websites de ONGs e sindicatos, e os mais de 5.000 comentários deixados por internautas nesses websites. Incorporamos igualmente as intervenções no Senado Nacional e os textos oficiais produzidos pelo Estado relativas ao conflito do lobo, e também todas as contribuições ao debate público organizado pelo Ministério da Ecologia (mais de 2.000).

A opção pela internet (o que determina certamente uma seletividade, deixando de lado a imprensa de papel, a televisão e o rádio, por exemplo) visou captar a vitalidade do conflito, isto é, as micro e as macroevoluções semânticas, no seu decorrer permanente: a internet é o suporte privilegiado para o surgimento e o arquivamento das intervenções que procuram agir dentro dos conflitos sociais contemporâneos.

A partir da leitura crítica de certas categorias conceituais existentes na literatura especializada, desenvolvemos novas ferramentas de análise, além de uma visão global do funcionamento semântico dos conflitos sociais. Mas, antes de avançar, é necessário apresentar brevemente o conflito que sustenta e ilustra a aplicabilidade da teoria.

3. O CONFLITO DO RETORNO DE LOBOS À FRANÇA

Quando falamos de *conflitos sociais,* tentamos isolar as situações políticas conflitivas que acontecem no espaço público que são relativamente autônomas (ou seja, identificáveis dentro do espaço sociopolítico global). Alguns exemplos de conflitos sociais, no sentido que nós damos a essa expressão, são: os protestos que tiveram lugar no Chile em 2019 após o governo aumentar a tarifa do metrô da cidade de Santiago, e que deram origem a um dos maiores movimentos sociais chilenos dos últimos 50 anos (Morales Ávila, 2022); a disputa a respeito do isolamento social durante a pandemia do coronavírus no Brasil (Pereira da Silva, 2023); o conflito acerca do retorno de lobos no território francês, do qual trataremos.

O lobo sempre foi um problema na França. A sua presença maciça no território motivou, desde a época de Carlos Magno (virada do século VIII para o IX), a implementação de uma política de extermínio. Nos anos 1930, essa campanha de matança chegou a seu final: o lobo havia sido eliminado de todo o território francês. Entretanto, a espécie não teve o mesmo destino em países vizinhos. No princípio dos anos 1990, teve início um movimento de entrada de lobos na França, por meio dos Alpes, a partir do norte da Itália. Ao atravessarem os Alpes, os lobos chegam a um terreno favorável para sua instalação: um enorme parque natural, no qual abundam espécies animais, como veados, javalis e, durante o verão, grande quantidade de rebanhos de ovelhas[5]. Esses rebanhos

5 Veremos mais adiante que esta versão da presença de lobos em França foi contestada, embora esteja agora estabilizada.

constituem alimento fácil para eles, já que o método dos criadores de ovelhas dessa região se baseia na pastagem em liberdade na alta montanha, em plena natureza, praticamente sem vigilância. A reaparição de lobos, então, se tornou imediatamente um problema grave para os criadores, pois seus ataques a ovelhas passaram a ser cada vez mais frequentes (chegando a 9.033 o número de ovinos mortos por lobos em 2014). Do ponto de vista de muitos criadores e pastores, essa situação se agravou devido à proibição de matar lobos, decorrente do *status* de "espécie rigorosamente protegida" na Europa, conforme previsto na Diretiva Habitats, que possui valor de convenção internacional. Com isso, os criadores e pastores já não podem recorrer à velha prática de simplesmente abater os lobos. Caçar um único lobo em 2014 podia resultar em três anos de prisão ou 150.000 euros de multa. É assim que o conflito começa. O setor agrícola se mobiliza para pedir ao Estado que permita o abate de lobos e que atue como mediador para que a Comunidade Europeia reduza o nível de proteção da espécie. As ações vão desde manifestações, como a ocupação da Torre Eiffel por criadores de ovelhas do sul da França com seus rebanhos, até ações violentas, como o sequestro do diretor de um parque natural por parte de criadores. Além dos criadores, também participam do conflito ONGs ambientalistas, que promovem políticas de proteção das espécies, personalidades políticas, que participam com suas opiniões e propostas, e a sociedade civil, globalmente favorável à defesa dos lobos. Entretanto, a população de lobos na França continua a crescer: em 2014, havia cerca de 500 deles no país.

4. OS ANTECEDENTES DA ANÁLISE DO DISCURSO

A elaboração teórica que propomos têm duas fontes como seus principais antecedentes: a análise do discurso e a semântica. Vamos abordar primeiro os aportes da análise do discurso. Os trabalhos fundantes da análise do discurso na sua vertente francesa estabelecem, como um dos seus maiores objetivos, a descrição de configurações sociais de sentidos e discursos, realizada principalmente por meio do conceito de *formação discursiva.* Na verdade, deveríamos dizer *conceitos* de formação discursiva, no plural, pois há várias versões, cada uma com particularidades interessantes de se resgatar. No entanto, todas essas versões têm algo em comum: elas todas permitem conceber que há, em cada situação social, configurações de possibilidades discursivas abertas. Enunciar é atualizar essas possibilidades discursivas socialmente disponíveis. Essa ideia tem origem sobretudo na *Arqueologia do saber*, de Foucault (1969). Afirmar que essas configurações estão *socialmente* disponíveis significa dizer que elas não existem por estar na mente dos indivíduos, mas por estar em uma conjuntura social específica. Pêcheux (1975), em sua abordagem acerca das formações discursivas, acrescenta duas ideias. A primeira é que as formações discursivas são, para ele, de natureza estritamente *semântica*: é nelas que se formam os esquemas de sentido que podem ser enunciados, como, por exemplo, as relações de causa e

efeito que são enunciáveis em um determinado contexto social. Desse modo, diferentemente de Foucault (1969), que coloca em um mesmo plano as regularidades enunciáveis (que podemos considerar, do ponto de vista de Pêcheux (1975), como *semânticas*) e os acontecimentos discursivos (que são, para falar como Ducrot (1980), o acontecimento histórico da aparição do enunciado), Pêcheux (1975), por meio de sua operação conceitual, salienta a importância do semântico. A outra ideia de Pêcheux (1975), extremamente importante para nosso projeto, é que as formações discursivas são intrinsecamente conflitivas. Não é possível ter uma configuração social de sentido que não seja atravessada pela conflitualidade inerente à sociedade.

Maingueneau (1983) insere a problemática das formações discursivas em um projeto diferente: a reflexão teórica acerca das propriedades semânticas do que o autor chama de *polêmicas* – no caso concreto estudado por ele, a controvérsia entre duas tendências teológicas, o jansenismo e o humanismo devoto, cujo apogeu ocorreu no século XVII. As características das polêmicas teológicas são, sem dúvida, diferentes daquelas que caracterizam os conflitos sociais contemporâneos. Podemos afirmar, no entanto, que o estudo de Maingueneau (1983) é para nós, em certo sentido, fundador: ele busca estabelecer os princípios do funcionamento semântico de conjunturas públicas conflitivas. É possível afirmar o mesmo de nosso projeto. Além disso, Maingueneau (1983) distingue claramente um plano semântico, no qual se acham os elementos de sentido que são colocados em discurso, e um plano discursivo, que ele nomeia de *superfície discursiva* da polêmica, na qual se encontram as produções linguísticas emitidas pelos protagonistas da polêmica estudada.

Apesar das diferenças, as versões de formação discursiva apresentadas até aqui possuem todas uma mesma dificuldade: nenhuma delas introduz a possibilidade de mudança. As formações discursivas, tal como são apresentadas pelos autores citados, não contêm transformações internas. Mais precisamente, deveríamos afirmar que, segundo esses autores, as formações discursivas, na realidade, *mudam*, mas de uma única maneira: a mudança total, que é a passagem de uma formação a outra. O problema é que, quando observamos os conflitos sociais, o fenômeno mais frequentemente constatado é, justamente, a *constante transformação semântica*.

Vejamos um exemplo. Nele, a mudança semântica em questão tem a ver com a narrativa a respeito da volta de lobos à França. Nessa transformação podemos constatar duas fases. Durante a primeira delas, há apenas uma versão para explicar a presença novamente de lobos no território francês. Segundo ela, o lobo entrou na França a partir da Itália, atravessando os Alpes. Essa sequência tem uma produtividade altíssima: a vemos na imprensa, em websites de ONGs, em textos científicos... Eis aqui quatro trechos discursivos que a colocam em funcionamento:

(1A) Em 5 de novembro de 1992, dois lobos foram vistos no Parque Nacional Mercantour (na fronteira com a Itália), marcando oficialmente o retorno natural de lobos à França após setenta anos de extinção. Desde então, a população de canídeos tem crescido: no final do inverno de

2012-2013, o número de animais foi estimado em cerca de 250, com uma taxa de crescimento anual de cerca de 20%[6].

(1B) Erradicado do território francês em 1937, o lobo, uma espécie protegida por várias convenções internacionais, retornou aos Alpes franceses vindo da Itália em 1992. Sua presença esporádica em outras cadeias montanhosas tende a se tornar permanente, como tem sido oficialmente o caso desde 2012 nos Vosges, entre a Alsácia e a Lorena, onde uma matilha de pelo menos quatro indivíduos foi identificada na última primavera[7].

(1C) Ele [o lobo] permaneceu presente no norte da Itália e, pouco a pouco, retornou da península para a França. Localizado no Parque Mercantour em 1992, desde então, ele tem se espalhado. Acredita-se que haja cerca de cem deles em aproximadamente vinte matilhas no leste da França[8].

(1D) Os lobos retornaram naturalmente da Itália para a França no início da década de 1990 e, desde então, se estabeleceram nos Alpes, continuando a colonizar novas áreas, incluindo o leste dos Pirineus, o Maciço Central, os Vosges, a Alta Marne e, mais recentemente, o Aube[9].

Mais tarde, no entanto, notamos que já não há mais apenas uma sequência narrativa sobre a origem da atual presença de lobos na França, mas uma concorrência entre *duas origens* mutuamente excludentes. Isso pode ser visto claramente nos seguintes trechos:

(2A) Reintrodução ou introdução, essa não é a questão: o lobo NÃO foi introduzido (ou reintroduzido) na França. Se você tem provas do contrário, mostre-as! Em vez de espalhar boatos! O lobo chegou naturalmente aos Pirineus. Ele veio da Itália, passou pelos Alpes no início dos anos 90, depois passou pelo Maciço Central, onde sua presença é comprovada. Ele chegou ao Aude há pouco tempo e agora está nos Pirineus. Como você pode ver, é muito fácil refazer seus passos. O homem não interveio em nada.[10]

6 "Le 5 novembre 1992, deux loups sont observés dans le Parc national du Mercantour, date qui marque officiellement le retour naturel du loup en France après soixante-dix ans de disparition de notre pays. Depuis, la population du canidé s'est étoffée : au sortir de l'hiver 2012-2013, l'effectif est estimé à environ 250 animaux avec un taux de croissance annuelle de l'ordre de 20 %", La Buvette des Alpages, 7 janeiro de 2014.

7 "Éradiqué du territoire français en 1937, le loup, espèce protégée par plusieurs conventions internationales, est revenu en 1992 dans les Alpes françaises, en provenance d'Italie. Sa présence sporadique dans d'autres massifs tend à devenir permanente, comme c'est officiellement le cas depuis 2012 dans les Vosges, entre Alsace et Lorraine, où une meute d'au moins quatre individus a été identifiée au printemps dernier", Le Monde, 23 abril de 2014.

8 "Il était resté présent en Italie du nord, et donc petit à petit il est revenu en France depuis la péninsule. Localisé dans le parc du Mercantour en 1992, il a depuis fait un petit bout de chemin. Il y en aurait une centaine répartis en une vingtaine de meutes sur tout l'est de la France", RTL, 24 abril de 2014.

9 "Naturellement revenus en France au début des années 1990 par l'Italie et durablement installés dans les Alpes, les loups ne cessent de coloniser de nouveaux territoires: partie orientale des Pyrénées, Massif central, Vosges, Haute-Marne et plus récemment l'Aube", Libération, 28 junho de 2014.

10 "Réintroduction ou introduction, là n'est pas la question: le loup n'a PAS été introduit (ou réintroduit) en France. Si vous avez des preuves du contraire, montrez-les! Plutôt que répandre des rumeurs bidon! Le loup est arrivé naturellement dans les Pyrénées. Il vient d'Italie, il est passé par les Alpes au début des années 90, puis est passé par le Massif Central où sa présence est avérée. Il est arrivé dans l'Aude il n'y a pas très longtemps, et est aujourd'hui dans les Pyrénées. Vous voyez, c'est très facile de retracer son parcours. L'homme n'est pas du tout intervenu", La Dépêche du Midi, comentário de usuário, 4 setembro de 2014.

(2B) O lobo não é um predador perigoso que foi reintroduzido em um número tão grande a ponto de oprimir impiedosamente pastores e rebanhos. Porque, e isso é um fato incontestável, o lobo não foi de forma alguma "reintroduzido"; mas, ao contrário, voltou espontaneamente da Itália pelos Alpes, e essa incursão foi mais do que limitada (a população total na França em 2013 era de cerca de 250 indivíduos[11]).

Esses trechos rejeitam a narrativa segundo a qual o lobo foi reintroduzido voluntariamente (como ocorreu com outras espécies, efetivamente reintroduzidas pelo Estado – como, por exemplo, os ursos, reintroduzidos nos Pirineus para evitar a desaparição da espécie). Em contraposição à versão rejeitada, os trechos apresentam a versão do retorno natural a partir da Itália. Anteriormente, víamos uma omnipresença completa do relato do retorno natural de lobos à França, como narração da origem da presença atual da espécie. Além disso, essa narrativa era apresentada como um fato, sem abrir possibilidades a dúvidas, sem apresentar alternativas. Agora, pelo contrário, há uma polêmica entre alternativas. Notamos que os discursos possíveis mudaram. Podemos, assim, estabelecer da seguinte forma as duas fases do conflito nas quais as possibilidades discursivas não são as mesmas: relato único e factual do retorno natural na primeira; relatos concorrentes na segunda. Estamos, portanto, perante uma transformação semântica.

As diferentes abordagens acerca do conceito de formação discursiva antes apresentadas consideram a formação como fundamentalmente estável e, por isso, não permitem a descrição das transformações que acontecem dentro das configurações de sentido, como a que descrevemos. Há trabalhos posteriores, porém, que introduzem a dimensão da mudança semântica dentro das formações discursivas. É sobretudo o caso da teoria de Laclau e Mouffe (1985), que comentaremos agora.

A teoria que esses autores desenvolvem se inscreve no campo das ciências políticas, mas o arcabouço conceitual que a conforma foca especialmente no funcionamento semântico-discursivo dos espaços sociais. Eles consideram que todo espaço social é constituído por antagonismos que lhe tornam instável. As forças antagônicas tomam consistência em discursos que intervêm no espaço social, por eles concebido, sob a inspiração do conceito de *formação discursiva* de Foucault (1969), essencialmente como um grande campo de significações, uma configuração de sentido. No entanto, Laclau e Mouffe (1985), diferentemente de Foucault (1969), postulam que essa formação discursiva geral está sempre mudando, ela é intrinsecamente precária. E o motor dessas mudanças é os discursos, pensados como intervenções modificadoras do espaço social.

Embora a teoria de Laclau e Mouffe (1985) apresente diversos problemas (Lescano, 2023b), o tratamento das transformações semânticas dos conflitos sociais proposto por eles abre uma perspectiva

11 "Le loup n'est pas un dangereux prédateur qui aurait été réintroduit en nombre au point d'opprimer impitoyablement bergers et troupeaux. Car, et le fait est incontesté, le loup n'a nullement été « réintroduit », mais est au contraire revenu spontanément vers l'arc alpin depuis l'Italie, cette incursion demeurant plus que réduite (population totale 2013 en France d'environ 250 individus) », opinião publicada por « Vigneron » na Consulta pública, o 11 julho de 2014.

relevante para nós. Em particular, a ideia de que o que é possível dizer, o que é possível significar, dentro de um determinado contexto sociopolítico, é o resultado precário de intervenções discursivas.

O estudo crítico das diferentes conceptualizações de formação discursiva que acabamos de brevemente resumir permite estabelecer, como primeiros fundamentos para um estudo semântico dos conflitos sociais, as seguintes teses:

- Os conflitos sociais têm ao menos duas dimensões: uma, em que se encontram os discursos que surgem no contexto do conflito, que chamamos, à maneira de Maingueneau (1983), de *superfície discursiva* do conflito; outra, em que existem os elementos semânticos que configuram as possibilidades de dizer que estão disponíveis dentro do conflito, que nomeamos de *espaço semântico* do conflito (apesar das similaridades com as *formações discursivas*, não chamamos essa dimensão de *formação* porque a concebemos mais como uma dimensão na qual os discursos podem intervir do que simplesmente uma configuração; tampouco a qualificamos de *discursiva* para salientar tanto sua natureza *semântica* como sua especificidade com respeito à *superfície discursiva*).
- Os discursos que surgem na superfície discursiva de um conflito agem sobre sua dimensão semântica, eventualmente modificando-a (acrescentamos aqui esse *eventualmente* porque, como veremos mais adiante, nem todas as intervenções discursivas produzem os efeitos para os quais elas se orientam).
- O espaço semântico de um conflito social é de natureza antagônica e instável.

5. O ANTECEDENTE DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

Entre os antecedentes teóricos mais importantes deste projeto, como dissemos anteriormente, está o paradigma da *semântica argumentativa*. São várias as razões que fazem desse tipo de teoria uma opção pertinente para o estudo dos conflitos de um ponto de vista semântico.

A primeira razão é que a versão mais recente desse paradigma, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), de Carel (2011), considera que a unidade semântica mínima possui sempre uma potencialidade conflitiva. Todo esquema semântico X é uma das realizações possíveis de um *bloco semântico* mais amplo que contém também outros esquemas que permitem se opor a X de maneiras diferentes. Não existe nada que seja semântico e que escape a esse princípio de conflitualidade latente. Por exemplo, na perspectiva de Carel (2011), deve-se considerar que o esquema semântico realizado por um encadeamento discursivo como *o lobo está em perigo de extinção, portanto a espécie deve ser protegida* realiza, de uma maneira particular, o mesmo bloco semântico que o encadeamento *o lobo não está em perigo de extinção, portanto não é necessário proteger a espécie.*

Todo esquema semântico é um ponto de vista particular dentro de um tipo de microideologia que contém a possibilidade de sua própria refutação.

Uma outra razão importante para nós é que a semântica argumentativa possui um aparato sofisticado para a descrição, por exemplo, dos pontos de vista veiculados nos enunciados, das posições naturalizadas, dos posicionamentos ideológicos implícitos nos discursos (Žižek, 1994).

Um terceiro motivo é que, para a semântica argumentativa, todo elemento de sentido é um esquema semântico a partir do qual é possível produzir certos discursos. Essa ideia permite compreender os discursos de um conflito social como manifestações de um trabalho feito sobre os discursos que estão disponíveis no conflito.

Essas são apenas algumas das razões que fazem da semântica argumentativa um paradigma enriquecedor para o estudo semântico dos conflitos sociais.

Passamos agora a detalhar um pouco mais o que é um elemento de sentido no quadro da semântica argumentativa. Dissemos que o que pode ser significado é sempre um esquema semântico que equivale à possibilidade de um certo tipo de discurso. Esses discursos podem ser de duas classes. Uma primeira classe é formada por discursos que apresentam o que percebemos como o encadeamento de uma causa a um efeito, que podem explicitar sua natureza semântica por meio de conectores consecutivos, condicionais ou causais (como *portanto*, *se... então, porque...*) ou elementos lexicais ou expressões que concretizam esse tipo de relação (*favorecer*, *tornar possível, engendrar...*). Um esquema desse tipo é o seguinte:

(1E) [o lobo estava na Itália → o lobo está agora na França]

O que a seta → procura sistematizar não é uma relação lógica. A seta → indica somente que a partir desse esquema se pode produzir um discurso como *a presença de lobos na Itália tornou possível a volta de lobos para a França.*

A segunda classe de discursos que pode ser habilitada por um esquema semântico é a dos discursos opositivos, que se concretizam habitualmente por meio de conectores como *porém*, *no entanto, embora...* e também por meio de elementos léxicos ou expressões (*não impedir*, *não favorecer*, *não tornar possível*). O seguinte esquema é desse tipo:

(1F) [o lobo havia sido erradicado da França ↛ o lobo voltou para a França]

A seta barrada ↛ indica que o esquema habilita, entre outros, um discurso como *o lobo tinha sido erradicado do território francês nos anos 1930, porém, no começo dos anos 1990, o lobo voltou para a França.*

Consideramos que esses esquemas são os elementos semânticos básicos que definem os discursos possíveis em qualquer situação. Há, porém, como anunciamos antes, um obstáculo para a incorporação direta dessas ideias a uma descrição semântica dos conflitos sociais. Para a semântica

argumentativa, e mais particularmente para a Teoria dos Blocos Semânticos, os esquemas semânticos existem sob a forma de significações lexicais dentro do sistema da língua. Por exemplo, poderíamos afirmar, nesse quadro, que a significação léxica da palavra *proteger* contém, entre outros, um esquema [x está em perigo → proteger x]. Quando o locutor produz um enunciado com a palavra *proteger*, ele pode explorar esse esquema e dizer, por exemplo, *o lobo está em perigo de extinção, portanto há que protegê-lo.*

O problema é que, para desenvolver uma teoria semântica dos conflitos sociais, precisamos de unidades de análise que tenham outro modo de existência, diferente do dos elementos linguísticos. Essas unidades devem ser capazes de ser modificadas, entrar em relações antagônicas, existir em uma configuração instável (enquanto, ao contrário, se supõe que a língua é uma configuração com certa estabilidade e homogeneidade). Ademais, as entidades semânticas ativas em um conflito devem poder ser relacionadas com elementos *não* linguísticos, como práticas sociais, ações concretas, uma vez que o que está em jogo em um conflito nunca é somente uma questão de significações ou de discursos, mas a possibilidade de agir de uma certa maneira no mundo, embora essa possibilidade seja trabalhada pelos discursos que operam sobre o espaço semântico do conflito.

6. O CONCEITO DE PROGRAMA

É por essas razões que, junto a Z. Camus, propomos o conceito de *programa* para caracterizar as unidades semânticas próprias aos conflitos sociais (Camus; Lescano, 2021). Um programa é a unidade elementar do espaço semântico de um conflito social. Mais precisamente, um programa é uma potência de agir discursivamente ou não discursivamente. Tal potência de agir é situada e precária. Precisemos essas propriedades.

Dizemos que um programa é *uma potência de agir discursivamente* porque todo programa é um esquema semântico a partir do qual é possível produzir ações discursivas. Falamos de *potência de agir* em referência à filosofia de B. de Spinoza, responsável por desenvolver uma ontologia na qual todas as entidades existentes são definidas como capacidades variáveis para produzir ações. No que tange às unidades semânticas, isso implica que toda unidade de sentido inserida em um conflito social está orientada para sua realização prática, em ações efetivas, embora a possibilidade de sua realização concreta esteja sujeita aos efeitos dos discursos que tentam enfraquecê-la ou reforçá-la. Os *programas* contêm um esquema semântico (de um dos dois tipos reconhecidos pela semântica argumentativa, que simbolizamos por → e ↠) a partir do qual se pode produzir ações discursivas, isto é, ações cuja realização material passa essencialmente pela produção de materialidades linguísticas.

Nesse sentido, se pode afirmar que, a partir do esquema semântico (1E) [o lobo estava na Itália → o lobo está agora na França], foi produzido um grande número de ações discursivas, entre

as quais as dos trechos (1A) a (1D), que mobilizam, todos eles, o programa segundo o qual a presença atual de lobos na França se deve à sua presença prévia na Itália. Todas essas ações discursivas foram produzidas parcialmente a partir de um programa que contém tal esquema semântico.

Um programa é também uma *potência de agir não discursivamente*. Isso quer dizer que todos os elementos semânticos que existem em um conflito estão relacionados de certo modo a ações e práticas não discursivas. Retomando alguns elementos da filosofia de Deleuze e Guattari (1981), dizemos que os programas são *agenciados*, por meio de discursos, às práticas e às ações não linguísticas que estão em jogo no conflito ao qual ele pertence. Por exemplo, o programa que contém o esquema semântico (1E) [o lobo estava na Itália → o lobo está agora na França] tem sido agenciado, por meio de discursos diferentes, à contagem dos lobos, às medidas de proteção dos rebanhos propostas aos criadores pelo Estado, às indenizações que o Estado fornece aos criadores cujas ovelhas são vítimas dos ataques de lobos, às pautas de proteção da espécie que apresentam as ONGs...[12]

Um programa é ainda uma *potência de agir situada* porque sua existência ocorre sempre no interior do espaço semântico de um conflito social específico. Ou seja, não é possível observar um programa fora de um determinado conflito.

Por fim, essa potência de agir é *precária*, uma vez que está submetida às mudanças produzidas pelos discursos que intervêm no espaço semântico do conflito. Dependendo dessas mudanças, sua capacidade de produzir discursos e ações não discursivas pode passar de extremamente alta a quase nula ou vice-versa.

Por que chamamos de *programa* essas unidades semânticas? Porque, da mesma maneira que os programas políticos ou educativos, as unidades do espaço semântico dos conflitos sociais são virtualidades que estão orientadas para a ação. E também, do mesmo modo que os programas de informática, essas entidades semânticas podem ser colocadas em funcionamento para produzir ações (discursivas ou não). A unidade elementar do espaço semântico dos conflitos sociais, mesmo que seja explorada para produzir uma imagem do passado (como os programas sobre a origem da presença atual de lobos na França) está sempre orientada para a sua realização no domínio discursivo e no âmbito das ações não discursivas.

12 O agenciamento entre entidades semânticas e realidades não linguísticas é uma questão de grande complexidade. No livro em preparação *Sémantique, discours et pratiques sociales* abordamos as principais dificuldades.

7. A DESESTABILIZAÇÃO TEMPORÁRIA DA TESE DO RETORNO NATURAL DE LOBOS À FRANÇA

Podemos agora aplicar esses conceitos para a descrição de transformações semânticas. Se voltarmos ao caso da origem da atual presença de lobos no território francês, podemos estabelecer, como ponto de partida, a existência de duas fases nessa evolução. Na primeira, estamos perante uma situação homogênea, na qual a volta de lobos é contada de uma única maneira, colocando em discurso um "acontecimento", um "fato": o lobo voltou à França a partir da Itália, atravessando os Alpes. Em outros termos, nessa fase, os discursos colocam em funcionamento o programa (1E) [o lobo estava na Itália → o lobo está agora na França] junto ao programa (1F) [o lobo havia sido erradicado da França ↛ o lobo voltou para a França], sem considerar outras diferentes possibilidades. Esses dois programas funcionam conjuntamente como uma unidade complexa que permite produzir, nesse conflito, os discursos que manifestam *o retorno natural de lobos à França*. Esse programa complexo é colocado em discurso pelos trechos (1A) a (1D), entre muitos outros de nosso *corpus*, como se fosse um "fato", uma evidência, como algo objetivamente verdadeiro.

Quando, durante um determinado período, um programa é colocado em discurso apenas de maneira factual, como o programa complexo da volta natural de lobos, dizemos que esse programa possui, durante essa fase, um alto grau de *estabilização*. O conceito de *(des)estabilização* foi introduzido por Z. Camus no contexto de suas pesquisas sobre as propriedades semânticas das assembleias políticas cidadãs (Camus, 2020, 2023), e foi posteriormente adaptado ao estudo dos conflitos sociais (Colectivo Programma, 2022; Lescano, 2023a). A ideia geral é que, dentro de um conflito social, os discursos produzidos a partir de um programa podem ser mais ou menos factuais ou mais ou menos polêmicos. Quanto maior é a capacidade de um programa para produzir discursos factuais, mais alto é seu grau de estabilização. Inversamente, quanto mais polêmicos são os discursos produzidos a partir de um programa, mais baixo é seu grau de estabilização (mais ele está *desestabilizado*). Os discursos que participam de um conflito social estão permanentemente mudando o grau de estabilização dos programas existentes no espaço semântico desse conflito. Além disso, é possível dizer que a luta discursiva, parte integrante de um conflito social, é em grande medida uma luta pela estabilização e a desestabilização de programas. É por isso que o grau de estabilização dos programas está sujeito a mudanças ao longo do conflito.

A partir dessas ideias é possível dizer que, durante essa primeira fase da transformação semântica que tentamos descrever, havia uma tendência muito forte à estabilização do programa (complexo) da volta natural de lobos para a França. Há, em seguida, uma fase na qual se observa uma tendência à desestabilização desse mesmo programa. Isso pode ser observado nos trechos discursivos (2A) e (2B), que apresentamos novamente abaixo:

(2A) Reintrodução ou introdução, essa não é a questão: o lobo NÃO foi introduzido (ou reintroduzido) na França. Se você tem provas do contrário, mostre-as! Em vez de espalhar boatos! O lobo chegou naturalmente aos Pirineus. Ele veio da Itália, passou pelos Alpes no início dos anos 90, depois passou pelo Maciço Central, onde sua presença é comprovada. Ele chegou ao Aude há pouco tempo e agora está nos Pirineus. Como você pode ver, é muito fácil refazer seus passos. O homem não interveio em nada.

(2B) O lobo não é um predador perigoso que foi reintroduzido em um número tão grande a ponto de oprimir impiedosamente pastores e rebanhos. Porque, e isso é um fato incontestável, o lobo não foi de forma alguma "reintroduzido"; mas, ao contrário, voltou espontaneamente da Itália pelos Alpes, e essa incursão foi mais do que limitada (a população total na França em 2013 era de cerca de 250 indivíduos).

Esses trechos mostram uma relação de concorrência entre o programa do retorno natural (programa complexo constituído por 1E e 1F) e o programa segundo o qual o lobo está atualmente na França porque foi reintroduzido artificialmente, que contém o esquema (2C):

(2C) [o lobo havia sido erradicado da França ↠ o lobo foi reintroduzido]

Nessa segunda fase, há a presença simultânea de dois programas que se apresentam como incompatíveis, como contraditórios. Esse tipo de relação entre programas corresponde ao que chamamos de *tensão.* Quando se tem dois programas em tensão, estabilizar um é, simultaneamente, desestabilizar o outro. É o que acontece agora: diferentemente do período inicial, no qual havia uma tendência à alta estabilização do programa do retorno natural, nesse novo período temos uma tensão, uma vez que certos discursos tentam desestabilizá-lo, ao manifestarem o programa da reintrodução artificial. Essa é a transformação semântica que é preciso explicar.

Nossa hipótese é que essa evolução do espaço semântico do conflito do lobo se deve a uma intervenção discursiva. Essa intervenção foi produzida por um importante político, Christian Estrosi, prefeito da cidade de Nice (capital de um dos departamentos franceses com maior presença de lobos, o departamento dos Alpes Marítimos[13]) e presidente da comissão legislativa sobre a questão do lobo no Senado Nacional. Ele profere o seu discurso em um contexto relativamente modesto: em uma reunião da associação dos caçadores de seu departamento. Suas palavras, porém, produziram um alto impacto. O trecho central é o seguinte:

(2D) Em 1992, o lobo foi reintroduzido artificialmente por funcionários de Estado e guardas florestais do parque Mercantour [grande parque natural francês na zona fronteiriça com a Itália][14].

13 Um departamento, na França, é uma administração regional maior que uma cidade e menor que uma região metropolitana.

14 "En 1992, le loup a été réintroduit artificiellement par des fonctionnaires de l'État et par des gardes du parc du Mercantour", Christian Estrosi, Nice Matin, 27 abril de 2014.

Essa intervenção, que surge em um contexto de tendência à alta estabilização do programa do retorno natural de lobos, consegue levar a cabo a capacidade desestabilizadora que carrega: o programa do retorno natural é efetivamente desestabilizado. Isso é o que se observa na segunda fase da transformação sobre a qual nos debruçamos: pouco tempo depois, quando o programa do retorno natural é colocado em discurso, já não é possível fazer isso como se não existissem alternativas a ele, como se o retorno natural de lobos à França fosse desprovido de polemicidade. Ele deve, ao menos, estar acompanhado do rechaço ao programa da reintrodução artificial, como observamos em (2A) e (2B).

É importante salientar que o impacto das intervenções discursivas não é garantido de antemão. O discurso de C. Estrosi possui uma capacidade particularmente alta de desestabilizar o programa do retorno natural de lobos à França. Essa capacidade, confirmada e ampliada pelas inúmeras reproduções desse discurso na imprensa nacional e local, em websites favoráveis ou desfavoráveis ao lobo e em fóruns de discussão on-line (que operam como verdadeiras *plataformas de propagação semântica*), se beneficia da notoriedade política e midiática de C. Estrosi, além de ser favorecida por um ambiente propício ao descrédito dos discursos oficiais a respeito dos lobos (que gera o descontentamento dos criadores de ovelhas em relação às políticas públicas em vigor para a questão).

Temos aqui, então, como resultado de um conjunto de fatores do qual tira partido uma intervenção pontual, um acontecimento semântico: a transformação do espaço semântico do conflito. Essa transformação, porém, teve uma duração relativamente curta. Dois anos mais tarde, C. Estrosi foi condenado pela Justiça, por difamação de funcionários públicos, em razão de ter dito publicamente o trecho (2D). A condenação contribuiu para a desestabilização do programa da reintrodução artificial. A partir de 2016, discursos produzidos a partir desse programa são raros. Ou seja, a tendência novamente mudou, voltando à situação inicial. E, ainda hoje, perdura a tendência à altíssima estabilização do programa do retorno natural de lobos.

8. PERCURSO DE UM PROGRAMA BEM-SUCEDIDO: DA INSTALAÇÃO AO AGENCIAMENTO A NOVAS PRÁTICAS

O segundo caso que permite mostrar alguns dos princípios de funcionamento do espaço semântico de um conflito social se relaciona a programa segundo o qual os ataques de lobos produzem sofrimento aos criadores de ovelhas e aos pastores.

(3A) [ataque de lobos → sofrimento do criador/pastor]

A primeira fase da transformação desse programa, tem a ver com sua produtividade. A *produtividade* de um programa é a quantidade relativa de discursos produzidos a partir dele durante um determinado período. Observar a produtividade de um programa não apresenta grandes dificuldades metodológicas: chegamos a ela a partir da comparação da quantidade de discursos produzidos por tal programa ante a quantidade de discursos produzidos por ao menos um outro programa. É importante salientar que a produtividade dos programas muda frequentemente: em certos períodos, um programa pode ser altamente produtivo, mas, em outros, pode ter uma produtividade quase nula.

Antes do ano de 2014, esse programa possuía uma produtividade praticamente nula. Apenas dois discursos tinham sido produzidos a partir dele:

(3B) O verão 2012 foi particularmente difícil para esse departamento [Alpes Marítimos], que totaliza um terço das predações [ataques de lobos a ovelhas] constatadas em todo o território. Em 17 de agosto, com 406 ataques, quase se atingiu o total de ataques de todo o ano de 2011. As tensões se fizeram sentir. Em 8 de agosto, em Châteauneuf-d'Entraunes, um criador, exausto após sofrer seu décimo quinto ataque, entrou em um violento embate com um dos guardas enviados ao local para constatar os danos. O parque apresentou uma queixa por agressões e lesões. [...] "A gente tinha alertado que isso ia acabar mal. A gente pode falar de sofrimento. O trabalho dos agricultores é desvalorizado, suas vidas se tornaram impossíveis, os casais estão se separando", protesta Michel Dessus, presidente da Câmara de Agricultura[15].

(3C) Recebo muitíssimos relatos sobre ataques de lobos e de ursos em toda a França, que colocam pastores bem-intencionados em situações fisicamente, emocionalmente e financeiramente INSUPORTÁVEIS[16].

A segunda fase é determinada por uma intervenção altamente estabilizadora: o Plano Nacional do Lobo 2013-2017, lançado em abril de 2013. O plano é o documento produzido pelo Estado a cada quatro anos para definir a política geral da gestão dos lobos, coordenando o conjunto das atividades relativas à espécie. Após a contextualização geral da situação, com base em dados (se constata a evolução da povoação de lobos no território francês, dos ataques e outros dados estatísticos), é

15 "L'été 2012 a été particulièrement difficile dans le département, qui totalise un tiers des prédations constatées sur l'ensemble du territoire. Au 17 août, avec 406 attaques, on atteignait presque le nombre de celles recensées en 2011. Les tensions se font sentir. Le 8 août, à Châteauneuf-d'Entraunes, un éleveur, à bout après une quinzième attaque, s'est violemment accroché avec l'un des gardes dépêché sur place pour constater les dommages. Le parc a déposé plainte pour coups et blessures. [...] 'On avait prévenu que ça allait mal finir. On peut parler de souffrance. Le travail des éleveurs est dévalorisé, leur vie est devenue impossible, les couples se séparent', tempête Michel Dessus, président de la chambre d'agriculture". Le Monde, 1 setembro de 2012.

16 "J'ai énormément de retours sur des attaques de loups et d'ours partout en France qui plongent des bergers de bonne volonté dans des situations physiquement, émotionnellement et financièrement INTENABLES", (Hogandesvents, site web sobre cães de proteção contra os lobos, 2013, sem data.

definida a linha política a ser adotada, seguida da disposição de medidas concretas: ações dissuasivas de proteção para o rebanho, o tipo de uso de armas permitido para a defesa do rebanho em caso de ataque, possibilidades de abate de lobos, indenizações para os criadores... É um documento que implica muitas (e complexas) negociações prévias com os setores envolvidos na questão, sobretudo criadores e ONGs ambientalistas, e que gera grande expectativa, uma vez que as disposições nele indicadas serão aplicadas durante quatro anos.

Dentro do Plano Nacional Lobo 2013-2017, em uma seção cujo título é (3D), se pode ler o trecho (3E):

(3D) Estudo sobre o impacto socioeconômico da predação de lobos

(3E) [...] os momentos de predação têm fortes consequências psicológicas e emocionais para as pessoas, o que pode resultar em sofrimento significativo[17].

Esse trecho mobiliza o programa (3A) [ataque de lobos → sofrimento do criador/pastor], mas, diferentemente dos discursos (3B) e (3C), há, dessa vez, uma capacidade estabilizadora extrema. A produtividade do programa, porém, não deslancha: esse discurso permanece um caso isolado. Temos de esperar mais de um ano para ver o programa mobilizado novamente em uma intervenção da ministra da Ecologia, Ségolène Royal, ocorrida em junho de 2014:

(3F) "Embora, pela primeira vez", os danos "não tenham aumentado entre 2012 e 2013, mais de 6.000 animais de criação foram vítimas de lobos em 2013. A angústia dos criadores e de suas famílias deve ser levada em consideração mais fortemente", declarou a ministra em um comunicado à imprensa, após receber os prefeitos dos departamentos mais afetados na sexta-feira[18].

Logo em seguida, há um aumento súbito da produtividade do programa (3A) [ataque de lobos → sofrimento do criador]. Isso é favorecido por uma situação particular: entre maio e junho 2014, o Ministério da Ecologia abre uma "consulta pública" para recolher a opinião das pessoas e instituições interessadas, sobre uma medida delicada. A pasta desejava ampliar a habilitação para caçar lobos, até então reservada ao corpo dos caçadores funcionários públicos, para incluir também caçadores particulares. Com efeito, quando o Estado francês tem a intenção de adotar uma medida

17 "Etude sur l'impact socio-économique de la prédation par le loup (ACTeon 2010) [...] Tout d'abord, outre l'impact sur les animaux, les moments de prédation ont des conséquences psychologiques et émotionnelles fortes sur les hommes, pouvant se traduire par des souffrances importantes". *Plan d'action national Loup 2013-2017,* Ministerio da ecologia e Ministerio da Agricultura, p. 31.

18 "Même si pour la première fois », les dommages » n'ont pas augmenté entre 2012 et 2013, plus de 6 000 animaux d'élevage ont été victimes du loup en 2013. La détresse des éleveurs et de leurs familles doit être prise plus fortement en considération », a déclaré la ministre dans un communiqué, après avoir reçu vendredi les préfets des départements les plus touchés", Le Monde, 30 de junho de 2014.

potencialmente polêmica, pode ser aberta uma consulta oficial, que às vezes ocorre por meio de discussões organizadas com especialistas, seguidas da coleta da opinião dos cidadãos, ou, outras vezes, simplesmente por meio de um espaço na web no qual as pessoas e organizações podem expressar seus pontos de vista. No caso em questão, que segue o segundo modelo, foram recebidas mais de 2.500 apreciações, disponibilizadas para a leitura do público. Entre elas, se encontram diversas intervenções que colocam em produção o programa (3A). Eis alguns trechos de comentários deixados na consulta:

(3G) Quem mede o dano moral dos criadores que vivem com medo e com um estresse permanente. Estão destruindo suas vidas!!! [...] SIM AO PROJETO[19].

(3H) O aumento da pressão de predação, que se tornou mais generalizada e severa nos últimos anos no departamento dos Alpes Marítimos, apesar da implementação de importantes medidas de proteção, provoca um transtorno considerável nas profissões de agricultor e de pastor: [...] Um estado permanente de estresse para os criadores, que tem repercussões na célula familiar[20].

(3I) O aumento das horas de trabalho, a repetição imprevisível dos ataques, apesar dos esforços para implementar medidas de proteção, leva a uma fadiga física e psicológica cada vez maior. Em épocas de intensa predação, as condições de trabalho se tornam inaceitáveis para empregadores e empregados, e o estresse e a angústia que resultam disso têm um impacto significativo nas relações coletivas no trabalho[21].

(3J) Os agricultores convivem diariamente com o medo de ataques e sofrem um trauma real[22].

Constatamos assim uma produtividade em alta em relação à fase precedente. Imediatamente depois do fim da consulta, a ministra explora essa nova tendência semântica para dar mais um passo: ela *agencia* esse programa à prática efetiva de caça a lobos por caçadores privados. A pasta decide tomar a medida submetida à consulta (medida que, aliás, na consulta se mostra altamente

19 "Qui mesure le préjudice moral des éleveurs qui vivent la peur au ventre, et avec un stress permanent. On détruit leur vie !!! [...] OUI AU PROJET", opinião publicada por J. Pinede na Consulta pública, 3 julho de 2014.

20 "L'augmentation de la pression de prédation qui se généralise et s'accentue sur les troupeaux ces dernières années dans le département des Alpes Maritimes, malgré la mise en œuvre de moyens de protection importants, engendre des bouleversements considérables de l'exercice des métiers d'éleveur et de berger : [...] - Un état de stress permanent des éleveurs qui se répercute sur la cellule familiale". Opiniao publicada pela Association pour la promotion du pastoralisme dans les Alpes Maritimes APPAM, 11 julho de 2014.

21 "L'augmentation des heures de travail, la répétition imprévisible des attaques malgré les efforts de mise en place de moyens de protection entraînent une fatigue physique et psychologique de plus en plus pesante. Dans les moments de prédation intense les conditions de travail deviennent inacceptables pour les employeurs et les employés et l'état de stress et de détresse qui en découle impacte de manière considérable sur les relations collectives au travail". Opinião publicada pelo Groupement d'Employeurs d'Insertion et de Qualification dans le domaine du Pastoralisme (GEIQ Pastoralisme) dos Alpes Maritimes, 11 julho de 2014.

22 "[...] les éleveurs vivent avec la peur au quotidien des attaques et subissent un réel traumatisme". Opinião publicada pela Coordination Rurale, Consulta pública, 11 julho de 2014.

impopular), se valendo do sofrimento humano provocado pelos ataques de lobos como uma das ancoragens semânticas da prática que sua decisão torna disponível. Isso pode ser visto no trecho discursivo seguinte:

(3K) "Sei que as associações estão muito insatisfeitas", disse a ministra da Ecologia, mas "diante de criadores exaustos, em grande sofrimento, minha prioridade é a proteção dos pastores, a ocupação das montanhas pelos rebanhos"[23].

É importante salientar que o programa (3A), embora faça seu percurso em um contexto altamente conflitivo, não recebe nunca ataques discursivos diretos: não achamos em nosso *corpus* discursos que tentem desestabilizar diretamente esse programa.

Para resumir, o percurso do programa segundo o qual os ataques de lobo são fonte de sofrimento de criadores e pastores começa com uma produtividade baixa. Depois de, ao menos, duas intervenções oficiais de forte impacto, o programa passa por um momento de alta produtividade, situação da qual se vale o poder público para agenciar esse programa a novas possibilidades de agir no mundo. À guisa de epílogo, digamos que atualmente esse programa tem uma grande produtividade nesse conflito e um grau de estabilização também muito alta, sendo colocado em discurso como um fato, tanto pelos grupos favoráveis como desfavoráveis à caça aos lobos.

9. CONCLUSÃO

O que expusemos até aqui é apenas uma mostra do acercamento teórico que fundamentamos em Lescano (2023a), enriquecido e aplicado a conflitos de diferentes países em Coletivo Programma (2022), e cujo intuito é a descrição da dimensão semântica dos conflitos sociais. A tese principal desse marco é que, de um ponto de vista semântico, um conflito social é uma luta por (des)estabilizar potências de agir. Isso torna necessário contar com ferramentas que permitam analisar as permanentes transformações semânticas que acontecem dentro de um conflito social. Mas, além das ferramentas descritivas (os conceitos de *espaço semântico*, de *programa,* de *(des)estabilização*, de *produtividade*, de *tensão* etc.), o projeto implica uma ampliação do domínio de estudo do que se chama habitualmente de semântica: trata-se de apreender uma das dimensões essenciais do espaço sociopolítico, aquela na qual se constituem, discursivamente, as instáveis possibilidades de agir no mundo, que formam nossos modos de vida.

23 "« Je sais que les associations sont très mécontentes », a déclaré la ministre de l'écologie mais, « face à des éleveurs épuisés, en grande souffrance, ma priorité, c'est la protection des bergers, l'occupation de la montagne par les troupeaux »". Le Monde, 5 de setembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Álvaro Magalhães Pereira da Silva pela leitura atenta e cuidadosa do meu texto original, pelas sugestões e os comentários valiosos.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

CONFLITO DE INTERESSE

O autor não tem conflitos de interesse a declarar.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados analisados têm sido transcritos em rodapé e traduzidos no texto.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

O autor declara que nenhuma ferramenta de IA foi utilizada na criação deste manuscrito nem em qualquer aspecto dos trabalhos realizados cujo resultado está reportado no manuscrito.

AVALIAÇÃO E RESPOSTA DOS AUTORES

Avaliação: https://doi.org/10.25189/2675-4916.2025.V6.N5.ID824.R
Resposta dos Autores: https://doi.org/10.25189/2675-4916.2025.V6.N5.ID824.A

REFERÊNCIAS

ANGENOT, Marc. *1889* : Un état du discours social. Longueuil: Le Préambule, 1989.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles-Liège-Paris: Mardaga, 1983.

CAMUS, Zoé. *Pour une description sémantique des assemblées citoyennes politiques* : étude de Marinaleda, du NPA et de Nuit Debout. Tese (Doutorado em Linguística) – École Des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2020.

CAMUS, Zoé. De lo (in)discutible a la (des)estabilización. Un estudio semántico de asambleas ciudadanas políticas. *In:* CAMUS, Zoé (coord.). *Lenguaje y sociedad. Acercamientos, teorías, problemas y perspectivas.* Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, Colección Lingüística, 2023. p. 19-38.

CAMUS, Zoé; LESCANO, Alfredo. Semântica argumentativa e conflitualidade política: o conceito de "programa". Tradução: Ana Lúcia Tinoco Cabral. *In:* BEHE, Louise; CAREL, Marion; DENUC, Corentin; MACHADO, Julio Cesar (orgs.). *Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 403-416.

CAREL, Marion. *L'entrelacement argumentatif. Lexique, discours et blocs sémantiques*. Paris: Honoré Champion, 2011.

COLECTIVO PROGRAMMA (ed.). La transformación de lo (im)posible. A propósito de la dimensión semántica de la conflictividad política. *Refracción*, n. 6, 2022.

DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 1981.

DUCROT, Oswald. Analyses pragmatiques. *Communications*, n. 32, p. 11-60, 1980.

FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris, Gallimard, 1969.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemony & Socialist Strategy. Towards a Radical Democratic Politics*. New-York: Verso, 1985.

LESCANO, Alfredo. *Prolégomènes à une sémantique des conflits sociaux.* Paris: Hermann, 2023a.

LESCANO, Alfredo. Lo no verbal no es discurso. Acerca de ciertas especificidades de las acciones verbales y no verbales en los conflictos sociales. *In:* CAMUS, Zoé (coord.). *Lenguaje y sociedad. Acercamientos, teorías, problemas y perspectivas*. Colección Lingüística, n.º 84. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2023b. p. 61-81.

MAINGUENEAU, Dominique. *Sémantique de la polémique*. Lausanne: L'Âge d'homme, 1983.

MORALES ÁVILA, Fortunato. Expansion de l'espace sémantique : le cas de l'augmentation du prix des transports publics à Santiago du Chili. *Refracción*, n. 6, p. 201-222, 2022.

PÊCHEUX, Michel. *Les vérités de la Palice*. Paris: Maspero, 1975.

PEREIRA DA SILVA, Álvaro Magalhães. La gripezinha de Bolsonaro. Aspectos semánticos de la posición anti-confinamiento en los discursos del presidente de Brasil del 24 y del 31 de marzo de 2020. *In:* CAMUS, Zoé (coord.) *Lenguaje y sociedad. Acercamientos, teorías, problemas y perspectivas.* , Colección Lingüística, n.º 84. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2023. p.39-60.

ŽIŽEK, Slavoj. The Spectre of Ideology. *In:* ŽIŽEK, Slavoj (ed.) *Mapping Ideology*. London / New York: Verso, 1994.